



Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÃO

Redação, Administração e oficinas—R. do Seculo, 45—Lisboa

Namôro

«Insiste-se na reconciliação do Vaticano e de Portugal...»



ELA — D'esta vez é para casar?
ELE — E'. O papá dá licença.



PALESTRA AMENA

Os bilhetes dos elétricos

Felizmente já aumentou o preço das passagens nos carros elétricos da cidade de Lisboa, com consentimento provisório da Camara Municipal, o que junto ao aumento do custo das estampilhas do correio, que chega n'alguns casos a cem por cento, a cincoenta por cento a mais nos selos de verba—providencia de aí a pouco ampliada a todos os outros selos, porque era uma vergonha ficarem abaixo dos de verba—com os direitos em ouro, para o freguez pagar em platina, as sobretaxas sobre os artigos de luxo, que o freguez igualmente pagará nos generos de primeira necessidade, enche completamente a medida de venturas que começámos a gozar no principio da guerra.

Dir-se-ha que as empresas particulares se fundam para ganhar e perder, não devendo nunca o publico pagar as diferenças; quando perdem de modo a não poder com os encargos respeitivos, quebram, o que commercialmente é licito e não metem as mãos nas algebras do passageiro incauto. Dir-se-ha isso, é certo, e muito mais ainda, mas diz-se mal porque carreiras a tres centavos, quando todos nós nadamos em dinheiro, quando até os empregados publicos apanham subvenções e vêem abolidos os direitos de encarte, que eram de desconto limitado em tempo, em troca de mais 5 por cento de imposto de rendimento por toda a vida, carreiras por essa insignificante quantia, diziamos, eram uma vergonha para uma cidade que se presa de adeantada.

Até agora, entrar n'um carro eléctrico era seguro indicio de pelinrice; quem transitava a pé—tanto custam as solas das botas—lançava ordinariamente para os passageiros dos eléctricos um olhar de desprezo ou de dó, significando:—Coitado! nem tem dinheiro para andar de automovel! De futuro, não: os passageiros dos eléctricos são olhados com respeito, são cumprimentados, são invejados e sentem-se pessoas de importancia quando pedem um bilhete para o Arco do Cego...

Queixa-se alguém? Não, nem tem razão para isso; primeiro, porque a elevação de preços é sinal de prosperidade—vidé America do Norte—depois, porque o publico de Lisboa foi avisado com tempo e, em fim, se não anda a pé é porque não quer.

Ainda a este ultimo argumento algum maldizente, que sempre os ha, responderá que quem mora longe do seu emprego e occupação não tem tempo nem força nas pernas para largas caminhadas; mas tambem a isso a Companhia responderá, e quicá com ela a Camara Municipal, que não é d'aquella a culpa dos lisboetas não morarem perto dos ditos empregos e occupações, á semelhança da magnifica idéa que um dia brotou do cerebro do conde de Santa Maria

quando propôz que os bombeiros habitassem ao pé dos incendios.

E com isto damos por concluidas as nossas descabidas reflexões, não vá a Companhia aumentar ainda mais os preços, posto que muito nos honrasse a alta consideração que assim manifestava pela nossa burra.

J. Neutral.

Velha e Nova

Insiste-se em que a Republica, desde 5 de Dezembro de 1917 para cá, é nova; e que a outra, a anterior, apesar dos seus poucos anos, é velha, insistencia que tem causado geral admiracão, porquanto toda a gente imaginava que a Republica era só uma.

Lá que ela mudou muito de feições, é verdade; mas quanto a querer significar com «velha» e «nova» que até 5 de Dezembro foi má e que depois d'essa data é



boa, abrangendo cada periodo tão pouco tempo, quer-nos parecer que é muito cedo para lhe pôr alcunhas.

Ninguem dirá—senão os mouros—que a monarchia de D. Afonso Henriques foi má nem que a ultima, a de D. Manoel, foi boa. Deixem, pois, passar o tempo e então se ajuzará das denominações a empregar.

Ora então, oxalá que não appareça qualquer dia uma terceira: a Novissima.

Torre de chifre

Nuvens

Cavalguei, cavalguei impetuosamente
Pelo ideal, pela filosofia
E fui lançando a semente
Com que fui embalado algum dia.

Vi espinhos, vi cardos e vi urzes
E nem uma luz tudo escuro;
Ouvi ruidos confusos
Não podendo distinguir o futuro.

Comtudo uma voz entretanto
Dizia avante, não desanime,
Trabalhar é sempre um encanto
Não pode constituir um crime!

Alberto Guião Lopes.

Economia

Na visita a um asilo do Porto o sr. Presidente da Republica escreveu um longo elogio no livro dos visitantes. A seguir, um dos secretarios de Estado que o acompanhava escreveu segundo elogio, um pouco menos longo. E mais abaixo um cavalheiro da comitiva, cujo nome a reportagem não revelou, escreveu esta frase: «Simplemente admiravel!»

Como se vê deu uma lição de economia aos que se lhe anteciparam, mas, quanto a nós ainda pecou por excesso. Que diabo vem ali fazer aquele «Simplemente»? Pois não bastava que tivesse escrito: «admiravel»? E, melhor ainda, que se limitasse a escrever o ponto de exclamação? Um! era suficiente.

Podem crêr que a nova forma de governo está sendo um nadinha prolixa de palavras.

Tendencia para a unidade

Ministro é uma palavra que enche a boca e que dá honra a quem a pronuncia. «Sou ministro» dizia-se com orgulho. «Tenho um parente ministro» envaidecia. «Vou falar ao ministro», causava inveja.

Pois sim, mas quem agora manda não admite vaidades—e trata de suprimir os ministros, substituindo-os por secretarios de Estado, especies de amanuenses, por mais que queiram dourar a pilula.

E já se diz por ai que esses secretarios nem ao menos terão entrada nas Camaras, a não ser, talvez, na galeria



publica quando lhes apeteça, o que os eguala aos correios, que ao menos se distinguem pelo vistoso da farda.

Na nossa opinião o facto representa uma medida transitoria, indicadora de modificações mais radicais, a qual visa a extinção do cargo. Chama-se-lhes secretarios para os desgostar; depois dão-se-lhes nomes ainda mais deprimentes—contínuos, serventes, etc.—até que não haja ninguém que queira aceitar tal emprego. Tendencia para a unidade, emfim, e decidida vantagem sobre os sistemas antigos, visto que quantas mais pessoas, são menos fazem.

Não ter ministros já é alguma coisa, mas ainda não é tudo para seguir por bom caminho.



Correspondencia

Pan-Sudo.—E a censura? Se lhe publicassemos os versos—e algumas das quadras são aproveitáveis—era cõrte pela certa. Estamos escaldados, amigo.

Alberto Leitão.—Para que não nos acuse de crueis, aí vai uma das quadras do seu *Sino da minha aldeia*. Chega, para encanto dos leitores.

*Emquanto alegre bimbaldas
A chamar às orações
Nas giestas cantam as gralhas
E nas matas os tralhões.*

Bem bonito.

Bravo, seu Bermudes!

Ha familias verdadeiramente privilegiadas, como por exemplo a familia Bermudes, que não se contentando em ter no seu seio o engraçadissimo Felix das revistas de ano possui tambem o prestantissimo Adães da Camara Municipal—e isto dizemos sem sombra de ironia, mas porque o *Seculo Comico* é sério quando se torna preciso se-lo.

Todos nós conhecemos o Tejo, não é assim? Todos o teem visto por aí abaixo desde o interior de Espanha á torre do Bugio, não é verdade? E a qual de nós ocorreu a idéa de que o Tejo servia para mais alguma coisa do que para banhar, fornecer saveis e ser util á navegação? Pois serve e foi Adães Bermudes que de tal se lembrou, propondo o seu aproveitamento para variadissimas industrias.

Já a proposta Lino Neto, do aproveitamento dos desperdícios da comida, tinha lançado os portuguezes n'uma



alegria doida; a Bermudes, pela nossa tendencia ao exagero, acabou de os enlouquecer.

—Então já sabes? Vamos ter industrias a dar-lhes com um pau!

—Como, se não temos as materias primas?

—Como? Por meio do Tejo!

—E as subsistencias nunca mais nos faltarão.

—Onde estão elas?

—No Tejo, homem, no Tejo!

—Mas parece-me...

—Sempre o maldito septicismo nacional! E sabes que mais? Agora é que todos vão ter juizo.

—Como?

—O' homem! E' o que falta no Tejo! Verá o sr. Adães como, na melhor das intenções, ainda vem a ser apedrejado—no dia em que esta gente souber que para aproveitar o Tejo, como motor ou irrigador, é preciso trabalhar...

EM FOCO



OLDEMIRO CESAR

Avê, Cesar! «Belmiro» te sauda
Não porque vá morrer, por despedida,
Antes porque lhe deste infensa vida
Na tua prosa fresca e não massuda.

Ora picante, como seta aguda,
Ora serena, doce e comovida,
Pelo conceito a meditar convida,
Na forma alrae, sarcastica ou sisuda.

No entanto ao ver um livro assim, de geito,
Eu sinto uma impressão que desanima
E o meu entusiasmo é contrafeito:

Pois de que serve qualquer obra prima,
O trabalho melhor, o mais perfeito
Onde sabem tão poucos lêr por cima?

BELMIRO.

Livros, Livrinhos e Livrecos

Campo de ruinas, por Augusto de Castro. De cada vez que nos chega á mão um livro d'este escritor sentimos um grande desgosto: o de dispormos de pouco espaço e de poucos adjetivos para o elogiar quanto e como desejaríamos. *Campo de ruinas* são crónicas da guerra actual, dando-nos aspéctos mais exatos do que a fotografia e representando-nos factos com mais clareza do que se nós proprios os observassemos: e isto porque é um grande artista que viu, que sentiu e que transmite, com o extraordinario poder do seu talento. E por aqui nos ficamos—por falta de espaço e de adjetivos.

Mutilados portuguezes, por José Pontes. E' tambem um livro da guerra, científico, escrito n'aquela estilo claro que iguala na pericia José Pontes educador a José Pontes jornalista. N'este livro o medico trata do estudo de reeducação dos mutilados, mas acima de tudo resalta n'ele a nota sublime do patriotismo. Bem haja.

Tradutores

Noticia um jornal, em telegrama, que um sabio estrangeiro acaba de descobrir o remedio para curar a tuberculose. Começa por dizer que é injectando *sacaroso* no doente e no fim refere-se outra vez ao medicamento chamando-lhe *sacarosa*.

Percebe-se que está duvidoso quanto ao sexo da *sacarose*. Pois foi para resolver essas duvidas dos tradutores que se fez o dicionario francez-portuguez.

Botas

Qual será o motivo do encarecimento do calçado? Ha alguma razão especial para dar agora mais valor aos couros do que se dava antes da guerra?

Não vale a pena averiguar. O caso é que de semana para semana o preço das botas aumenta e que quem não tiver milhões á sua disposição só pode



resolver o problema andando descalço, como, aliás, é natural e higienico, segundo a douta opinião do sr. Amilcar de Sousa.

A proposito...

Entre mancebos.

—Então sempre casas com a Elvirinha? E' feissima.

—Bem sei, mas é rica.

—Como sabes tu isso?

—Facilmente. Traz sempre botas de polimento.

A D. Cesarina Rip recebe sem relutancia as galanterias dos homens, mas só as retribue por elevado preço. O visconde da Sardinha:

—O' D. Cesarina! Um côlzar de brilhantes pelo seu amor

Ela, desdenhosa:

—Ora adeus!

Ele, teimoso:

—Um *chalet* no Estoril!

Ela, indiferente:

—Que ninharia!

Ele, perdidamente:

—Um par de sapatos!

Ela, rendida, caíndo-lhe nos braços:

—Sou tua!

Dos jornais:

«Efetuou-se hontem o enlace matrimonial da sr.^a D. Ricarda Werniz e do sr. José Capaz, bem conhecidos na nossa sociedade elegante.

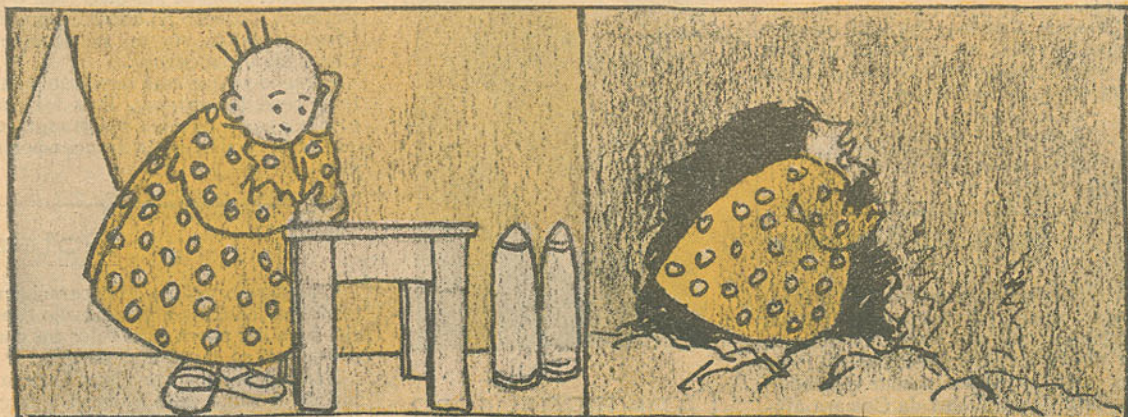
Na *corbeille* da noiva viam-se brindes d'um valor inestimavel, entre os quaes se notavam seis pares de sapatos quasi novos e dois pares de botas apenas arrombadas nas biqueiras...»

MANECAS E A QUADRILHA DO OLHO VIVO

22.^a Parte1.^o Episodio

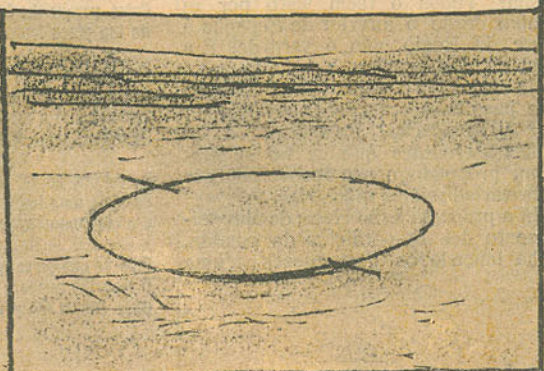
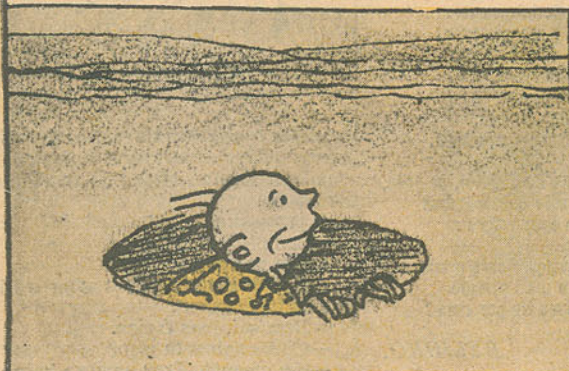
MANECAS, ESTRATEGICO

(Continuação)



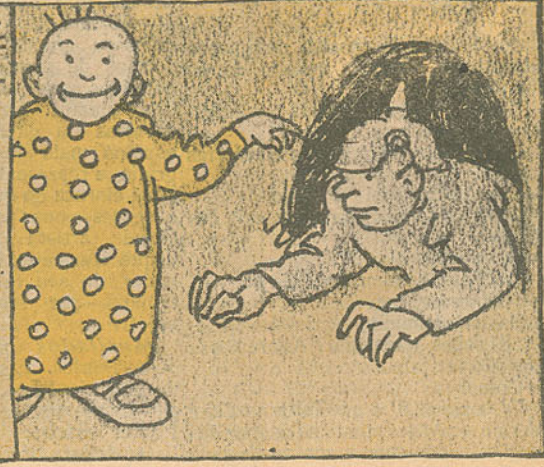
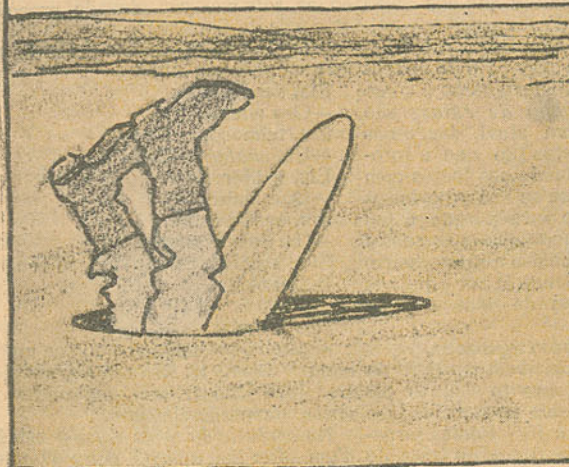
1.—Como os espíões *boches* aborem de noite as trincheiras portuguesas, Manecas pensa na maneira de os apanhar.

2.—O costurado raio de genio atravessa-lhe o deposito dos inventos, ou seja a cabeça. Manecas abre um tunel.



3.—Na parede superior do tunel cava uma especie de chaminé, que vae abrir-se á superficie do globo terraqueo.

4.—Coloca na abertura uma tampa nivel sobre um eixo diametral.



5.—Está-se a ver o resultado. Os espíões caminham pé ante pé e ao chegarem á tampa vão por ali abaixo inopinadamente,

6.—de modo que nada mais facil do que agarralos á boca do tunel, como os meninos estão vendo. Viva o Manecas!

(Continua).